

História da Comunicação: entre o historiador e o comunicólogo¹

Luiz Claudio Martino²
Universidade de Brasília / CNPq

Resumo

Esse texto procura explorar as diferenças epistemológicas entre uma história da comunicação realizada pelo historiador e pelo comunicólogo. Distingue as abordagens específicas (que tratam de um meio ou instituição) das abordagens genéricas. Estas últimas desenvolvem elementos mais arrojados no plano teórico, colocando em jogo princípios epistemológicos que permitiriam caracterizar abordagens disciplinares.

Palavras-chave

história da comunicação; teoria da comunicação, epistemologia da comunicação

Dentre os vários pontos que alimentam a rica relação entre história e comunicação, esse texto procura explorar um praticamente ignorado na literatura: as diferenças epistemológicas entre uma história da comunicação feita pelo historiador em contraste com aquela feita pelo comunicólogo. O tema é bastante amplo, haja vista a diversidade de concepções e matrizes teóricas no interior das duas áreas de conhecimento³. As próprias figuras de "historiador" e de "comunicólogo" aqui introduzidas, não pretendem representar tal diversidade, são aproximações necessariamente imprecisas, úteis para os propósitos da presente reflexão.

Sem a pretensão de uma abordagem sistemática, destacamos abaixo alguns pontos introdutórios que julgamos importantes, que ajudarão a situar a temática apontada.

1) Qual o domínio ou objeto da história da comunicação?

Como em outras temáticas importantes de nossa área, a história da comunicação dispõem de uma relativa abundância de obras e uma grande carência de referências. Na verdade a própria temática da história da comunicação permanece pouco abordada e seus aspectos epistemológicos raramente são discutidos. Como afirmam Díaz & Laffont,

¹ Trabalho apresentado no GP Teorias da Comunicação, XVI Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do XXXIX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, Universidade de São Paulo.

² Doutor em sociologia pela Universidade Paris-V, email: martino@unb.br

³ Sobre a diversidade de desenvolvimentos possíveis da história da comunicação ver Martino, 2008.

Até agora não existe um corpo teórico completo sobre estes aspectos em nossa disciplina. Isso não significa, entretanto, que não se tenham produzido reflexões que atendam a esta questão. O vazio que se aponta não responde tanto ao descuido e falta de rigor por parte dos que cultivamos a história da comunicação, mas, antes, ao fato de que os trabalhos têm estado preferencialmente centrados em dar conta de processos concretos (2001, p.8)

Tais processos levam a produção de obras parciais, como história da escrita, do cinema, da propaganda ou do jornalismo, que não podem responder à temática geral da comunicação. Em sua visão fragmentada, elas não podem trazer o sentido estrito de *história da comunicação* (voltaremos a este ponto mais à frente). Na verdade, esta necessidade de conceituação mais precisa revela a dificuldade de apontar o objeto ou domínio de estudo da história da comunicação, que, de certo modo, esteve "encoberto" por outros objetos, alguns mais aceitáveis, outros mais duvidosos. A presença da escrita, por exemplo, pode ser bastante consensual nas obras de história da comunicação, mas estaríamos autorizados a também incluir os números e mesmo a história da matemática? E do mesmo modo, seria a música e a notação musical objetos da história da comunicação? Certamente, o que se espera como resposta a esses exemplos não é um simples "sim ou não", mas "porque" e "como", ou seja, critérios que permitam entender o que é próprio da abordagem do comunicólogo, o que a caracteriza como tal.

Embora seja de importância capital para a produção de qualquer tipo de história, a questão do domínio do conhecimento é frequentemente tratada de forma genérica ou pouco apropriada. O grande manual recentemente editado por proeminentes teóricos da comunicação estadunidenses, *The Handbook of Communication History* (Simonson et ali., 2013), de certa forma ilustra esta situação. Ao fornecerem uma "compreensão operativa" do que significa história da comunicação os autores apontam um domínio bastante vasto e difícil de ser definido:

Seu domínio inclui ideias, práticas e processos, instituições, materialidades e eventos de expressão comunicativa, circulação e troca. Ela também se interessa pelo antecedente estudo de todas essas coisas – ou, menos obliquamente, pela história do campo da comunicação, seus sub-campos disciplinares, e outros, por vezes, articulando campos que historicamente a comunicação, de uma forma ou de outra, tem investigado (Simonson et ali., 2013, p.1).

Vê-se que o "recorte" proposto deriva diretamente da corrente hegemônica da teoria da comunicação nos Estados Unidos, fortemente influenciada por uma tradição interdisciplinar inclusiva, que busca conciliar correntes fortemente heterogêneas sob a rubrica da "comunicação". Elas atendem a pressões institucionais mais que a formulações

epistemológicas. Um rápido exame do índice da obra citada nos revela capítulos que discorrem sobre os meios mais clássicos (TV, Rádio) e sobre os novos meios, mas também sobre assuntos como cidade, trabalho, gênero, raça e temas nacionais, continentais ou religiosos. E ainda, retórica, música, conversação, comunicação visual, entre outros. Uma diversidade que choca duplamente, pelo que contém e pelo que (ainda) não contém.

Retomando a observação de Díaz & Laffont, podemos completá-la dizendo que, além das preocupações empíricas, as concepções interdisciplinares – assim como opera a desintegração teórica dos processos comunicacionais na vastidão de todas as coisas do mundo – acabam dissolvendo o objeto da história da comunicação na História Geral.

Nestas condições a razoabilidade do senso comum aparece como proteção, que de certa forma tem ajudado aos historiados a se manterem centrados nos veículos mais consensuais, ligados à experiência ordinária com os meios e a comunicação moderna. Contudo, no que tange ao saber comunicacional, isso é bastante frustrante, já que justamente dele se espera um aporte teórico-conceitual sobre a comunicação.

O desenvolvimento da história da comunicação, queiramos ou não, está diretamente ligado ao desenvolvimento epistemológico dessa área de estudo e, de certa forma, o reflete. Em suma, não se pode fazer história daquilo que se desconhece (Martino, 2004). Mas também ao inverso, pois a epistemologia da comunicação muito depende dos avanços nessa matéria.

Dentre os vários possíveis domínios da história da comunicação (Martino, 2008), os meios de comunicação parecem ser – e tem sido até agora – o domínio que se mostrou mais produtivo do ponto de vista da epistemologia da área. Apesar disso ele é visto com desconfiança por aqueles que defendem a comunicação como um campo interdisciplinar, ou seja, sem teorias próprias. Os dois riscos que cercam esta abordagem são, de um lado, sua desclassificação sumária como "reducionismo" ou "determinismo tecnológico"; de outro lado, o uso extremante vago do conceito de meio de comunicação, tendendo a abarcar toda e qualquer função de mediação. Repetidos e dados como certos estes "argumentos" são, a meu ver, os principais obstáculos ao desenvolvimento da história da comunicação, pois além dos céticos/interdisciplinares, também se estende até mesmo aos que adotam a centralidade dos meios de comunicação, sem que possam adiantar um conceito mais preciso sobre estes. É o caso de McLuhan, por exemplo, que traz avanços significativos para a matéria, mas que não distingue meios de comunicação e tecnologia em geral (Conford,

1977). O investimento em conceitos mais elaborados de meio de comunicação ajudaria a entender melhor o domínio da história da comunicação⁴.

Em todo caso, estes problemas não podem ser resolvidos internamente ao estudo da história da comunicação; eles remetem, mais uma vez, ao estado de desenvolvimento epistemológico da área.

Outro domínio que merece destaque, embora esteja em outro plano de realidade, é o da história das teorias da comunicação. Trabalhos importantes foram feitos neste âmbito (por exemplo: Park & Pooley, 2008; Berry, David; Theobald, 2006; Delia, 1987), contudo, o objetivo principal destas obras tem sido a pesquisa da origem do campo⁵ e não propriamente a questão epistemológica. Ainda é forte a crença de que as questões epistemológicas poderiam ser "resolvidas" com uma boa e precisa narrativa histórica da origem e o desenvolvimento do campo. Nas palavras de Park & Pooley, um "honesto escrutínio de nossas peculiares raízes institucionais forçará uma discussão sobre as consequências intelectuais" (2008, p. 10).

Sem colocar em dúvida a valiosa contribuição da história do campo, não se pode esperar que a epistemologia da área de estudo, suas matrizes teóricas, as relações e tensões entre suas diferentes linhas de pensamento, possam ser daí deduzidas, como uma consequência do percurso histórico. A narrativa histórica jamais poderia ter a pretensão de substituir o permanente esforço crítico e metateórico de reflexão sobre o objeto de estudo, os fundamentos próprios e as conexões com outros saberes. A reflexão epistemológica não é algo que possa ser deduzido das peculiaridades de um certo percurso; ela não é uma consequência mecânica, nem apêndice da história da área de conhecimento, mas algo que caminha junto. História e epistemologia são linhas de pensamento que se iluminam mutuamente, uma narrativa histórica também é teoria, é como tal que ela aparece (e não como a verdade dos fatos), do mesmo modo que a teoria se inscreve em horizonte histórico de possibilidades.

Mais do que um desenvolvimento exaustivo, estes poucos apontamentos à guisa de introdução, nos auxiliam a situar o problema. A história da comunicação sofre das debilidades da epistemologia da área a qual está vinculada. A grande variedade de abordagens e o rápido aumento da produção e da institucionalização (em associações,

⁴ Ver nossa discussão sobre o conceito de meio de comunicação em Martino, 2014 . E também nossas críticas sobre este respeito à Escola de Toronto, em Martino, 2012.

⁵ Muitos destes estudos destacam o lado institucional, se aproximando da abordagem da sociologia da ciência e não da epistemologia da área. Um bom exemplo é a interessante obra de C. Simpson, *Science of Coercion: Communication Research and Psychological Warfare, 1945-1960* (1994).

cursos, disciplinas regulares) não são forçosamente signos positivos de seu desenvolvimento, ao menos se seguir o mesmo caminho que tomou a área de comunicação. A comparação e compreensão dos distintos papéis do historiador e do comunicólogo me parece matéria de reflexão urgente. Não como pólos antagônicos ou "territórios" a serem protegidos, entender suas diferenças é a forma preservar e de cultivar sua complementaridade.

Uma História geral ou especializada?

Um critério epistemológico simples para lidar com as diferentes abordagens possíveis é distinguir o âmbito da investigação⁶. A produção acadêmica sobre a história da comunicação apresenta trabalhos de cunho *específico* ou *geral* (global, abrangente). Entre os do primeiro tipo, temos os trabalhos que se ocupam de um determinado meio ou instituição de comunicação, ou que são delimitados por uma geografia ou período histórico.

As obras de caráter geral são mais raras, estabelecem períodos ou alguma forma de tipologia que lhes permitem estabelecer comparações. Ao invés de se aprofundarem na riqueza documental, elas procuram caracterizar sistemas de comunicação e sua evolução no tempo, exploram os contrastes entre eles, o que lhes permite colocar questões sobre a "lógica" dessa evolução ou sua relação com as transformações na estrutura sociais e a cultura.

Evidentemente não há nem oposição, nem escolha a se fazer entre estes dois âmbitos, cada um responde a uma certa necessidade e o ideal é que se completem.

O estudo de um objeto específico permite aprofundamento e está apoiado em abundante documentação, como típico dos trabalhos dos historiadores. Porém esta virtude também gera uma enorme pulverização temática, que pode mesmo ameaçar a idéia de uma história da comunicação, na medida mesmo que este último termo é substituído por uma constelação de objetos específicos. Para tomar um exemplo muito significativo, coloquemos a seguinte pergunta: a história do jornalismo seria uma história da comunicação? Pelo menos desde a década dos anos 1990 ela passou a ser vista como um obstáculo, na medida que tomava a parte pelo todo, encobrindo o objeto de uma história da comunicação. De fato, nenhum meio em particular, nenhuma instituição tomada

⁶ Para um panorama das diversas abordagens da história da comunicação ver Martino, 2008.

isoladamente (ou mesmo em uma esfera nacional), podem responder aos problemas colocados pela história da comunicação propriamente dita.

A riqueza de detalhes que permite um estudo com abordagem específica não lhe permite dar conta da comunicação (entendida como um sistema de meios técnicos), mas é sobre nestes últimos que se dá a discussão mais teórica e arrojada em termos de formulações hipotéticas, sobre as quais, por sua vez, os trabalhos específicos terão que se apoiar. Os trabalhos específicos fornecem a "matéria prima", o substrato mais empírico e podem ajudar a aperfeiçoar ou mesmo inviabilizar uma determinada tese. As relações não param por aí, tomemos um exemplo para ilustrar este ponto.

Em seu famoso trabalho sobre o homem tipográfico, Marshall McLuhan postulou uma certa relação entre o aparecimento da imprensa e o desenvolvimento de certas características mentais que se estendem a fenômenos sociais e culturais (nacionalismo, pensamento lógico, etc.). Sem dar atenção à dimensão epistemológica, ele nunca deixou muito claro a especificidade desse elo, sendo que muitas passagens sugerem um relação causal e determinista, como um tipo de efeito da imprensa sobre o psiquismo. Sua argumentação é que a imprensa gera uma nova forma de conhecimento, ou melhor, de conhecer (pois não se trata do conteúdo conhecido, mas do modo de aquisição do conhecimento). Um ponto decisivo para sua tese é a transformação da leitura, do registro sonoro (leitura coletiva, que passa pela reprodução da voz para poder ser entendida) para o registro visual (leitura solitária, muda, a mente se conecta diretamente às marcas tipográficas, sem intermediação do oral). Pois bem, os estudos específicos mostraram que a leitura visual já existia em épocas anteriores, mas particularmente que sua disseminação (e isto que importa) se deu um pouco antes, de modo que não coincidiria com a emergência da imprensa e inviabilizaria a relação causal⁷.

Ao invés de simplesmente "anular" a tese em questão e descartar o trabalho de McLuhan, esse estudo específico coloca desafios que levam ao aperfeiçoamento dessa tese, forçando a elaboração de um novo modelo explicativo, mais adequado, no qual o determinismo causal não seja necessário. De outra parte, também devemos ter em conta o papel de orientação que exercem os trabalhos de âmbito geral, pois, assim que formulados, suas teses passam a ser "alvo" de investigações específicas, servindo-lhes de guia. Assim o trabalho de McLuhan ajudou a gerar trabalhos de pesquisa que expusessem seus equívocos. Desse modo supera-se a fragmentação caótica de estudos isolados, bem como uma pseudo e

⁷ Ver o interessante artigo de Paul Saenger (1998) e os comentários de Cavallo & Chartier (1998) a este respeito (p.39, em particular).

nefasta oposição entre os âmbitos de abordagens, passamos a ter esforços combinados e a base para a necessária sistematização do conhecimento.

Outros aspectos importantes podem ser analisados a partir dessa distinção entre os âmbitos de investigação. Veremos isso nos próximos tópicos.

A quem pertence a história da comunicação?

De forma inexata, mas útil enquanto aproximativa, a distinção de âmbitos aponta a "repartição de competências" entre historiadores e comunicólogos, ou mais precisamente, como a história da comunicação é vista por cada um deles.

Por sua própria natureza, trabalhos específicos necessitam de análise documental, levantamento e discussão das fontes, algumas testemunhais, registradas nestes documentos e uma série de procedimentos típicos do modo de abordagem do historiador. Na prática isso leva a uma clivagem muito clara, pois os estudiosos da comunicação raramente estendem suas investigações para além das condições imediatas da emergência dos sistemas de comunicação da era moderna (notadamente o século XIX, dado a formação da imprensa moderna, esfera pública, opinião pública). O comunicólogo não está menos ligado a variável tempo, mas sua atenção se volta muito mais para o presente do que para o passado. Não julgo exagerada a afirmação de que o comunicólogo é um estudioso do presente, de um certo presente como expansão da realidade imediata gerada pelas tecnologias de comunicação (Martino, 2004)⁸.

Este não é um problema restrito à comunicação, outras disciplinas das ciências sociais também necessitam entender seus limites em relação à história. Por exemplo, Karl Marx propõe que a luta de classes é o motor da história, o agente da mudança da sociedade. Sua visão da história corresponde mais a uma tipologia dos modos de produção, ele não tem como objetivo a precisão histórica, mas entender o capitalismo. Para ele a luta de classes é o motor da história, o agente da mudança da sociedade. O autor ainda propõe uma filosofia da história, um *telos*, ou termo último, com o desenvolvimento da sociedade comunista. Embora possa lhes proporcionar debates estimulantes, vê-se que estes não são procedimentos típicos dos historiadores. Em suma, uma história da economia pode ser

⁸ A repartição acima não pode se pretender exata. Se os historiadores postulam uma história do presente, os comunicólogos também não estão impedidos de operar recuos no tempo, contudo isso não é corrente, estas sub-áreas permanecem limitadas e restam abordagens pouco desenvolvidas (o exame dessas correntes menos típicas das duas disciplinas escapa ao escopo deste trabalho).

contada por historiadores e por economistas, claro, com suas diferenças significativas, sem que haja razão de negar uma dessas posições.

De outra parte, mais recentemente, vemos florescer títulos como "história social" ou "história cultural", que trazem ainda alguns matizes suplementares, mas o importante não é uma classificação absoluta (de resto impossível), o interesse dessas "demarcações" é entender as opções epistemológicas, os posicionamentos que se refletem nos procedimentos metodológicos, no tipo de teorias trabalhadas e nos interesses que caracterizam um certo domínio do conhecimento. Dessa forma a história da comunicação pode ser entendida tanto como um sub-campo da história, tanto como um domínio intrínseco à comunicação (de modo análogo a outras disciplinas das ciências sociais). A questão que se coloca é em relação à especificidade desta última. Perguntar o que exatamente a história interessa ao estudo da comunicação ainda passaria por uma pergunta genérica, na medida em que o objeto das ciências sociais é intrinsecamente histórico. Mais interessante, nos parece desdobrar a questão em duas direções diferentes, de um lado entender como o próprio objeto de estudo da comunicação é essencialmente histórico; de outro lado, que compreensões da história podem ser geradas a partir do conhecimento comunicacional.

A primeira dessas questões nós respondemos em outros artigos, defendendo que não se pode pensar especificidade do objeto de estudo sem um recorte histórico. Na verdade, isso apenas implementa um princípio já conhecido e usado nas outras ciências sociais. A sociologia não é o estudo da vida humana em coletivo, mas o estudo de formas desse coletivo, portanto não estuda uma faculdade intrínseca ao ser humano, estuda uma formação histórica. Não é nenhuma coincidência que a liberação da sociologia como forma de conhecimento seja concomitante à emergência de uma nova forma (sociedade), no século XIX. Toda ciência social é liberada por horizontes históricos em que se inscreve, sendo ela própria compreensão histórica e da história.

Algumas compreensões comunicacionais da história

Se as abordagens específicas tem seus objetos de investigação delimitados de maneira empírica e se apóiam em teorias e metodologias dos historiadores, as abordagens gerais não têm tanta clareza de seus princípios epistemológicos.

Sem dúvida, a chamada Escola de Toronto de comunicação é entre todas a que mais se destacou por trazer para o centro de suas reflexões as formas tecnológicas da comunicação e, ao mesmo tempo, por marcar a questão histórica.

Afirmção que deve, porém, ser "corrigida" e examinada à luz de duas outras. Primeiro que nunca esteve muito claro, para seus membros, a idéia de uma "escola" e, tampouco, "de comunicação". Claro que havia temáticas compartilhadas, interesses comuns, influências recíprocas... mas não vemos nos principais autores a idéia de postular um domínio disciplinar particular. Se hoje podemos encontrar certa unidade e coerência nesses trabalhos, o passo decisivo nunca foi dado e fica por conta de nossa interpretação. Não é um caso isolado, a maioria das grandes escolas teóricas de comunicação não reivindicaram este estatuto epistemológico. Contudo, a atribuição não é fortuita, pois não falamos de lugares institucionais, formação acadêmica ou qualquer outro traço exterior ao próprio conhecimento, de modo que o termo *comunicacional* se refere aqui ao tipo de conhecimento gerado, ou seja, a opção epistemológica de tomar como centrais os processos de comunicação para a investigação da realidade humana.

Por isso a relação com a tecnologia, já que é ela o fator de singularização com o qual se opera o recorte epistemológico do saber comunicacional. Mesmo isso não sendo colocado de forma explícita, acaba sendo um traço distintivo dessa escola.

Vejamos rapidamente como isso se dá em seus principais autores.

Erick Havelock é classicista e historiador da Grécia antiga. Seus estudos versam sobre o impacto do aparecimento da escrita sobre o oral. Para ele a oralidade pura ou primária deixa de existir no tempo de Homero, pois a escrita materializa e dá forma à palavra. A própria noção de "palavra" se constitui a partir do momento de sua visibilidade gerando as condições que tornam possível intervir, codificar e controlar o desenvolvimento da linguagem humana; a elaboração de gramáticas e vocabulários, levam à formação de um *corpus* estável, abrindo caminho para vocabulários especializados (filosófico, científico, jurídico...) e outros tratamentos racionais da linguagem, como a oratória e a retórica⁹. Como consequência, não haveria como separar e distinguir, de forma absoluta, o oral e a escrita. Tal afirmação tem repercussões teóricas que vão além de um estudo específico (de um meio, época ou lugar) e preparam o terreno para a análise da relação do oral com outras tecnologias (e destas entre si).

⁹ No final de sua vida Havelock escreve *A Musa Aprende a Ler* (1996), um pequeno livro que expõe com muita clareza seus posicionamentos.

É justamente o que faz Harold Innis, um economista que se interessa pelo estudo dos impérios, as relações entre metrópole e colônia. Suas inquietações de economista o levam a destacar o papel dos meios de transporte e posteriormente dos meios de comunicação, já que a exploração econômica depende ou está limitada pelos meios efetivos que a metrópole dispõe para alcançar os territórios coloniais. As duas obras que Innis escreve no final de sua vida *Empire and Communications* e *Bias of Communication* são fortemente marcadas pela abordagem histórica. A primeira analisa os impérios antigos e suas relação com o sistema de comunicação, a segunda explora os conceitos teóricos de tempo e espaço como propriedades dos meios de comunicação (vieses) e princípios de transformação da sociedade.

Sua compreensão da história, entretanto, difere da dos historiadores. Não é uma narrativa sobre o passado, mas a influência deste sobre o presente, aberta justamente pela ação destas tecnologias que tornam o passado contemporâneo ao presente (Martino, 2012). Sua principal questão poderia ser colocada como o choque de dois regimes de influência, a disputa entre as dimensões do tempo social: a tradição e a atualidade. O papel da primeira seria fundamentalmente alterado, segundo as características decorrentes da configuração que o sistema mediático assume em determinada sociedade, haja vista que é através dos meios de comunicação que estas influências nos chegam (tanto as do passado, que ele chama de *tempo*, como as do presente, designadas como *espaço*).

Também estamos longe da ideia da história como forças inerciais que chegam até nós pelas vias difusas dos hábitos, costumes instituições em geral. A história é entendida como fluxos de informações, influências que nos alcançam mesmo estando distantes, desde que tecnologias apropriadas passem a intervir na transmissão delas. Algo que é mais facilmente percebido em relação ao espaço. Não foi somente a distância que foi superada pelos meios elétricos do século XIX (o telégrafo, notadamente), a relação com o passado foi igualmente alterada. As pirâmides do Egito nos dão um excelente exemplo da transformação da tradição. A presença monumental destas certamente não pôde deixar de ser notada por gerações e gerações; durante séculos, ela foi uma presença misteriosa, apenas sentida, dando ensejo à imaginação. Mas tudo isso foi substancialmente re-estruturado no momento que Champollion decifra a escritura antiga e nos dá acesso ao mundo vivido. As vozes do passado ressoam até nós, nos alcançam; o passado não é a presença esmagadora e muda, agora ele tem voz, *fala* conosco. As tecnologias da comunicação estabelecem vias de sentido duplo, que nos levam e nos trazem o passado. Ou melhor, que levam o historiador,

mas que trazem o passado a todos nós. Esta "vasta democratização da história" (Nora, 1976, p. 180) é que interessa ao comunicólogo, pois é uma história atualizada, vivida no presente, graças à circulação mediática. Nessa acepção a história é o que as tecnologias de comunicação alcançam e compartilham no presente vivido.

Tais tecnologias compõem com o oral, formando sistemas históricos de comunicação. Note-se que não se trata de estabelecer relações entre fatores variáveis (tecnologias) e permanentes (oral, como faculdade humana), mas de combinações que alteram as propriedades da comunicação – o que permite pensar uma *historicidade da própria comunicação*.

Uma perspectiva que será desdobrada e desenvolvida por Marshall McLuhan. Destaquemos primeiramente um ponto que passa quase despercebido. Em uma rápida passagem de *Understanding Media* (1972, p. 22) o autor sugere que o "conteúdo" do novo meio é um meio anterior¹⁰. Mais que uma antecipação da convergência mediática (que só ficará completamente explícita com o aparecimento dos meios digitais), ele apresenta um princípio intrínseco aos próprios meios de comunicação, capaz de apontar a transformação destes. De certo modo ele retoma e desdobra uma consequência da tese de Havelock, de que a "novidade", o que realmente ganha luz com o nascimento da escrita é o oral, a *palavra* falada. Ao converter o antigo meio em "conteúdo", o novo meio torna visível o anterior, ou seja, passamos a entender melhor suas características.

Uma história baseada neste princípio não é necessariamente incompatível com a história dos historiadores, baseada em eventos, ao contrário, ela abre a possibilidade de uma coordenação entre dois planos. Se as mudanças se dão pela força dos acontecimentos, estas se dão na forma que a tecnologia pode se expressar enquanto tecnologia, negociando com esta. Os meios de comunicação não são uma matéria amorfa que recebe sua significação exclusivamente da sociedade ou da cultura. Eles também possuem suas determinações. E é isso que a tese de McLuhan (no esteio de Innis, seu inspirador direto) tenta explicitar. Mesmo não estando desenvolvida, ela contém importantes elementos intuitivos e

¹⁰ A passagem em questão afirma que "o 'conteúdo' de qualquer meio ou veículo é sempre um outro meio ou veículo. O conteúdo da escrita é a fala, assim como a palavra escrita é o conteúdo da imprensa e a palavra impressa é o conteúdo do telégrafo". A relação entre as formas mediáticas estabelecidas e as novas está apenas implícita, mas a relação com a história é evidente nos exemplos sugeridos (fala/palavra escrita/imprensa; palavra escrita/telégrafo), e também no conjunto de sua obra, que trabalha com a sucessão e contrastes entre meios.

permanece ainda hoje como uma rara tentativa de apresentar um princípio técnico para a evolução das tecnologias da comunicação¹¹.

Contudo, sua contribuição mais reconhecida no tocante à história da comunicação foi, sem dúvida, a de propor uma periodização dos sistemas de comunicação, um ponto raramente trabalhado diretamente¹². O autor distingue eras ou galáxias: a primitiva dominada pelo oral; a galáxia de Gutenberg que introduz o homem tipográfico e aquela dos meios elétricos, ou galáxia de Marconi, no qual a eletricidade altera as formas de transmissão (broadcasting). Esta periodização retoma a tensão introduzida por Havelock, entre o oral e as formas tecnológica de comunicação, destacando a imprensa de Gutenberg, ou a mecanização da escrita, como a maior transformação dos sistemas de comunicação depois da invenção da escrita. McLuhan transpõe o problema para o plano sensorial, passando do oral (fala/ouvido) para o visual (leitura silenciosa). E como Innis, ele também faz uma leitura da história humana através dos meios de comunicação, desdobrando e dando sua própria interpretação ao princípio de seu predecessor, segundo o qual a forma ou o modo através do qual chegamos ao conhecimento influi no conteúdo deste. O predomínio de um meio de comunicação configura um ambiente, um modo de inserção do indivíduo na cultura. Meios quentes e meios frios indicam as propriedades desses sistemas de comunicação, são operadores teóricos que tentam traçar quadros de análise para compreender tanto o funcionamento dos meios como as mudanças que acarretam.

Evidentemente não é possível desenvolver no presente texto toda a riqueza dos autores da Escola de Toronto, importa destacar a unidade em torno da atenção dada à história e o papel proeminente dado aos meios de comunicação. Não estamos longe da ideia de motor da história, de Marx, mas agora tomando os meios de comunicação como agentes de mudança. Essa abordagem, que caracteriza o comunicólogo é, na verdade, análoga a de outras disciplinas das ciências sociais. Ela elege um fator como determinante, não porque ignore a complexidade da realidade humana, mas porque toda forma de conhecimento é um posicionamento epistemológico, uma "aposta" em um elemento explicativo.

De outra parte, um historiador teria dificuldades para adotar a noção de "motor da história", já que a história mesma é esta transformação. Sua relação com as ciências sociais é mais complexa. Se os objetos de estudo das ciências são essencialmente históricos, por

¹¹ Com o conceito de *exteriorização* Leroi-Gourhan (1991) apresenta um princípio técnico para a tecnologia em geral e para uma visão alternativa a de McLuhan, no domínio específico dos meios de comunicação (tecnologias do simbólico), ver o conceito de *simulação da consciência*, Martino 1997.

¹² Uma das poucas obras dedicadas à questão é a de FANG, 1997.

sua vez, é no conhecimento destas ciências que o saber histórico encontra os elementos necessários para suas investigações. É próprio do historiador explicar a mudança por um conjunto de forças, sem atribuir um peso decisivo a nenhuma delas, senão circunstancialmente. Ele recorre aos conceitos e conhecimentos de outras disciplinas (economia, ciência política, etc.), os utiliza para esclarecer certos pontos, mas não perde de vista que a transformação é fruto dos acontecimentos. A interligação desses em uma unidade temporal, em uma co-presença e influência mútua, constitui um período com certas características, uma *época*, à qual as realidades particulares (instituições: objetos, costumes, crenças, modos de pensar, etc.) podem ser reportadas, ganhando significação.

Dessa perspectiva a história da comunicação é vista como o estudo da emergência de um meio, veículo, empresa ou qualquer outro elemento de um sistema de comunicação (sindicato, rede, personagem, linguagem...). O trabalho do historiador consiste em trazer à luz os fatores – as forças sociais, políticas, culturais, econômicas... – responsáveis por sua formação. A significação estará, então, atrelada ao conjunto destas forças modeladoras, presentes na gênese e nas transformações dos elementos comunicacionais. É o movimento geral da história que permite entender os meios de comunicação.

Já para o comunicólogo a história da comunicação assume o sentido inverso, o interesse se volta para as transformações da realidade humana tendo por base a configuração de um certo sistema de meios de comunicação. Estes são tomados tanto como operadores teóricos como objetos a serem investigados. Buscar sua significação corresponde a investigar as funções que exercem, seus efeitos sobre outros elementos da vida social, as consequências de sua presença em determinada sociedade/cultura. Esse é o modo que o comunicólogo dispõe para caracterizar e apontar a significação de um dado sistema de comunicação. Por conseguinte, os meios de comunicação não são apenas elementos investigados, meras realidades empíricas, eles passam por uma elaboração conceitual, tornam-se os operadores dessa investigação; são conceitos teóricos que permitem certa leitura da realidade social, enquanto vetores estruturantes desta.

Em suma, se para o historiador a história da comunicação aparece como a emergência de um meio ou de uma instituição, o que o leva a estudar os fatores que explicam a constituição destes; para o comunicólogo, de outro lado, a história da comunicação assume o sentido inverso, pois trata-se de mostrar como a realidade humana se transforma a partir do estabelecimento de um certo sistema de comunicação. Essas opções epistemológicas expõem as diferenças de abordagens.

Os meios de comunicação como agentes de transformação constitui o ponto fundamental para distinguir a história de historiadores e de comunicólogos, ou seja, a história abordada e "articulada" pela ação dos meios de comunicação, na qual o próprio acontecimento histórico é atravessado pelo sistema técnico de comunicação¹³.

REFERÊNCIAS

- BERRY, David; THEOBALD, John. **Radical Mass Media Criticism: a cultural genealogy**. Tonawanda, NY: Black Rose Books, 2006.
- BOORSTIN, Daniel. **L'Image : un guide pour le pseudo-événement**. Union Générale d'Éditions, Col. 10/18. Paris, 1971.
- CAVALLO, Guglielmo; CHARTIER, Roger (orgs.). **Historia de la Lectura en el Mundo Occidental**. Taurus. Madrid, (1997) 1998.
- CONFORD, C. F. Introduction à l'oeuvre de MCLUHAN, M. **De l'Oeil à l'Oreille**, Paris: Denoël/Gonthier, 1977.
- CROWLEY, David; HEYER, Paul. **Communication en la Historia: tecnología, cultura, sociedad**. Barcelona: Bosh, 1997.
- DELIA, J.G. "Communication research: A history". In C.R. Berger and S.H. Chaffee (Eds.), **Handbook of communication science** (pp.20-98). Newbury Park, CA: Sage, 1987.
- DÍAZ, Julio Montero; LAFFOND, José Carlos Rueda. **Introducción a la Historia de la Comunicación Social**. Barcelona: Ariel, 2001.
- HAVELOCK, Eric A. **La musa aprende a escribir: Reflexiones sobre oralidad y escritura desde la Antigüedad hasta el presente**. Paidós. Barcelona, Buenos Aires, 1996 [1986].
- INNIS, Harold A. (1950). *Empire and communications*. Edited by David Godfrey. Press Porcépic, 1986.
- INNIS, Harold A. **The Bias of Communication**. University de Toronto Press, 1951, repr. 2003.
- FANG, Irving. **A History of Mass Communication: Six Information Revolutions**. Boston: Focal Press, 1997.
- LEROI-GOURHAN, André. **Le Geste et la Parole : la mémoire et les rythmes**. Paris: Albin Michel, 1991.
- MARTINO, Luiz C. O que é Meio de Comunicação?: um conceito esquecido. Trabalho apresentado no GT Tecnologias da Comunicação, na 4ª Conferência ICA América Latina, Universidade de Brasília, março de 2014. **Anais do evento**: ica.com.br

¹³ Sobre este ponto ver as importantes contribuições de historiadores, particularmente de Pierre Nora, 1974 e Boorstin, 1971. Também nosso estudo sobre a atualidade mediática (Martino, 2009).

- MARTINO, Luiz C. “Le Concept de Moyen de Communication dans l’École de Toronto”, in **Canadian Journal of Communication**, Vol 37, N. 4 (2012), Special Issue, organized by W. Buxton and Thierry Bardini, pp. 595-611. <http://www.cjc-online.ca/index.php/journal/index>
- MARTINO, Luiz C. “A Atualidade Mediática: o conceito e suas dimensões”, texto apresentado no XVIII Encontro da COMPÓS, PUC-Minas, junho de 2009. **Anais da Compós**, disponível em http://compos.org.br/data/biblioteca_1107.pdf
- MARTINO, Luiz C. “Classificação e Exame Crítico da Literatura sobre História da Comunicação”, in Ana Paula G. Ribeiro e Micael Herschmann (org.). **Comunicação e História - interfaces e novas abordagens**. Rio de Janeiro: Ed. Mauad X, 2008, pp. 27-43.
- MARTINO, Luiz C. “História e Identidade: apontamentos epistemológicos sobre a fundação e fundamentação do campo comunicacional”, in **E-COMPÓS** (Revista da Associação Nacional dos Cursos de Pós-Graduação em Comunicação), n.1, dez 2004. Disponível em: www.compos.org.br.
- MARTINO, Luiz C. *Télévision et Conscience*. Thèse de Doctorat. UFR de Sciences Sociales, Université René Descartes, Paris-V. Paris, juin 1997.
- MCLUHAN, Marshall. **A Galáxia de Gutenberg**. Ed Nacional. São Paulo, 1972.
- MCLUHAN, Marshall. **Os Meios de Comunicação como Extensões do Homem**. Cultrix. São Paulo, 1971.
- NORA, Pierre. « Le Retour de l’Événement », in Le GOFF, J. e NORA, P. **Faire l’Histoire: 1. Nouveaux Problèmes**. Gallimard. Paris, 1974.
- PARK D.W., POOLEY, J. (2008). **The history of media and communication research: Contested memories**. New York: Peter Lang.
- ROGERS, Everett M. **A History of Communication Study: A Biographical Approach**. New York: The Free Press; Toronto: Maxwell Macmillan Canada, 1994.
- SAENGER, Paul. "La Lectura en los Últimos Siglos de la Edad Media", in CAVALLO, Guglielmo; CHARTIER, Roger (orgs.). **Historia de la Lectura en el Mundo Occidental**. Taurus. Madrid, (1997) 1998, p. 187-230.
- SIMONSON, P.; PECK, J.; CRAIG, R. T.; JACKSON JR., J. P. **The Handbook of Communication History**. New York and London: Routledge, 2013.
- SIMPSON, Christopher. **Science of Coercion: Communication Research and Psychological Warfare, 1945-1960**. New York: Oxford University Press, 1994.